

POLÍTICA ECONÔMICA

21 OUT 1989

Sarney faz defesa da modernização do Estado

O intervencionismo asfixia a sociedade e inibe sua iniciativa, afirma presidente

O presidente José Sarney, em discurso ontem na inauguração do 6º Salão do Transporte, no Anhembi, em São Paulo, defendeu a modernização do Estado, que na sua opinião se encontra no limite da sua capacidade de atuação, sem poder financiar todas as atividades assumidas ao longo do tempo.

“Por isso mesmo estamos vivendo a maior crise do Estado no Brasil”, afirmou. Segundo o presidente, a “modernização do Estado significa a redução do seu tamanho, a desregulamentação dos processos de comando do governo sobre a iniciativa privada, o aprimoramento dos mecanismos de gestão da administração e a democratização do poder decisório”.

No 6º Salão do Transporte (a cobertura da feira está na página 10), Sarney acentuou que o setor automobilístico é um dos mais expressivos da área de exportações, com estimativa de vendas de US\$ 2,5 bilhões. Para Sarney, foi importante a participação do Estado na instalação da infra-estrutura e na concessão de incentivos para a industrialização do País, mas, agora, entende o presidente, o momento é de modernização.

É importante melhorar o relacionamento entre o governo e a iniciativa privada, observou Sarney. “Tenho afirmado que a liberdade política é indissociável da liberdade econômica, cuja expressão mais legítima é a economia de mercado”, assinalou. “Portanto, deve caber à iniciati-

va privada o papel do agente mais econômico do desenvolvimento do País.”

EFICIÊNCIA

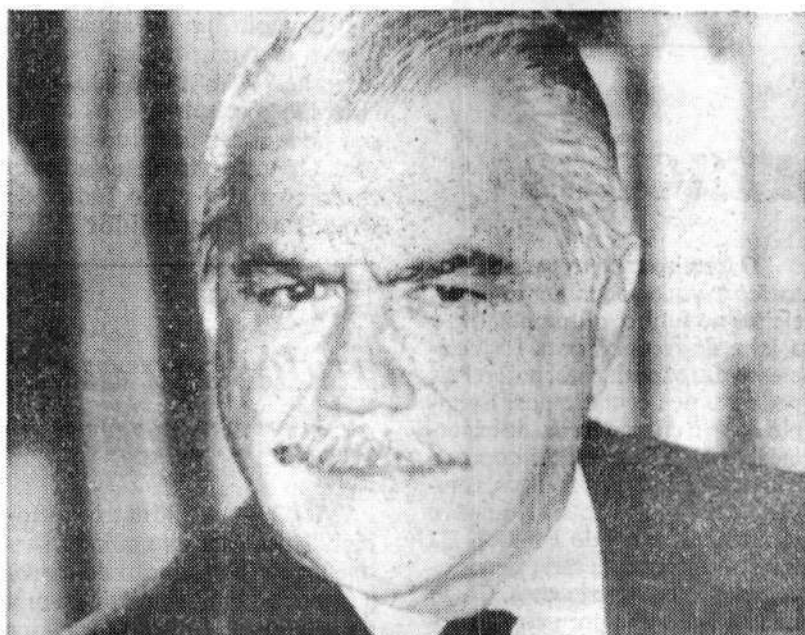
“Chegou ao fim a era de intervencionismo unipresente do Estado, que asfixia a sociedade e inibe a sua iniciativa”, argumentou o presidente. Conforme Sarney, o País tem de se integrar ao novo ciclo da economia mundial, no qual “apenas os mais eficientes se destacarão”.

Sarney disse ainda que recusou a recessão econômica e evitou o agravamento do quadro social. “Em meio à crise generalizada da América Latina, o Brasil foi um dos poucos países a expandir o PIB em mais de 20% em termos reais, nos últimos quatro anos, e passamos de 8º para 7º lugar em termos de produto industrial no Ocidente.”

“Optei por iniciativas inovadoras, nunca antes tentadas no

País”, assegurou o presidente em seu discurso. Para Sarney, o “lado real da economia brasileira está bem” e a “crise é uma crise de Estado”. Ele pediu que as empresas invistam mais na ampliação da capacidade produtiva. “Há fortes indicações de que o setor privado já pode participar de um novo esforço de crescimento”, acrescentou.

“Não há razões para temer o futuro, as regras constitucionais estão definidas”, concluiu. No seu programa semanal **Conversa ao Pé do Rádio** (veja íntegra abaixo), ontem, o presidente tratou mais de temas políticos. Fez referência, porém, à incorporação à Aeronáutica do primeiro dos 79 aviões AMX produzidos pela Embraer com tecnologia mista do Brasil e da Itália. “O AMX é um avião muito moderno, incorpora importantes avanços tecnológicos e faço justiça à nossa indústria aeronáutica”, comentou Sarney.



José Paulo/AE-20/6/89

Sarney: o lado real da economia brasileira está bem

INTEGRA

Esta é a íntegra da fala do presidente Sarney no programa **Conversa ao Pé do Rádio**:

“Brasileiras e Brasileiros, bom dia. Aqui vos fala o presidente José Sarney, nesta sexta-feira, dia 20 de outubro de 1989, em mais uma **Conversa ao Pé do Rádio**, como acontece todas as semanas. Nosso primeiro assunto, como não poderia deixar de ser, é a campanha eleitoral, que vai atingindo seus momentos culminantes na disputa dos votos do eleitorado. Eu tenho uma velha experiência de eleição. Já concorri a sete eleições pelo voto popular. Fui deputado federal várias vezes, fui governador, fui senador por duas vezes, vice-presidente da República e presidente da República. Fiz campanhas e sei muito bem o que é a tensão, a emoção, a paixão do momento eleitoral. A grande diferença é de que, nunca, neste país, nós tivemos tanta liberdade e as garantias que hoje desfrutam tanto os candidatos como os eleitores. Ninguém se sente tolhido por nada e isso cria, muitas vezes, excessos, que são excessos que prejudicam o processo democrático.

“Ninguém se sente tolhido por nada e isso cria, muitas vezes, excessos, que são excessos que prejudicam”

Essa liberdade que nós temos hoje é inédita no Brasil. Nós não a tivemos nunca, não só nos tempos chamados de autoritarismo, mas mesmo antes — porque antes de 64, o governo, a fraude, a violência deformavam a vontade do eleitorado. Hoje a eleição é livre e a única vítima da eleição tem sido realmente o presidente da República, que é alvo de injustiças, de grosserias, de infâmias e de destemperos verbal que alguns candidatos procuram ter como instrumento de campanha. Atingem o presidente e atingem o cidadão. É evidente que o equilíbrio, a visão de estadista, é uma das exigências do cargo da Presidência da República, de quem o disputa.

Essa maneira de dilacerar o poder, tentar decompô-lo para conseguir vitória é, sem dúvida, o pior caminho para a democracia. Desmoraliza o processo democrático, desmoraliza as instituições. Mas muito mais do que esses aborrecimentos e minha justa indignação é a determinação que me anima a completar o trabalho da transição democrática que foi a grande missão do meu governo. Foi o compromisso que eu assumi de fazer a transição democrática, qualquer que fosse o sacrifício. Quis o destino que fosse o sacrifício. Quis o destino que fosse os ombros solitários essa responsabilidade caísse, e pretendo levá-la até o fim. Nada me impedirá de seguir esse caminho. Qualquer sacrifício, eu suportarei. Sou um homem obstinado e essa obstinação e essa ambição, que eu tenho, não é a ambição nem da violência e nem de qualquer interesse de natureza política, mas a ambição de bem comum e o dever do bem comum.

Portanto, quero dizer, o seguinte: as brasileiras e brasileiros devem se sentir livres, absolutamente livres para escolher seus candidatos. Quem for eleito toma posse e receberá uma democracia autêntica, uma verdadeira democracia. E eu espero e apelo para que todos me ajudem, na medida de suas forças, a cumprir com esse item essencial do meu governo, que foi o de promover a transição democrática, cujo coroamento é a eleição e posse do novo presidente. O clima da mais absoluta normalidade. Em desenvolvimento passa pela democracia.

Quero agora falar sobre outro assunto. Uma importante fonte de tranquilidade para os brasileiros e brasileiras é, sem dúvida, o comportamento e o trabalho que têm desenvolvido as Forças Armadas, plenamente integradas no projeto da transição democrática e orgulhosas de sua contribuição para a paz e liberdade que, hoje, nós desfrutamos no Brasil. A transição democrática, no Brasil, foi feita com as Forças Armadas e não contra as Forças Armadas. Como comandante supremo, autoridade constitucional que exerço com firmeza e com atenção, eu tenho realizado visitas às instalações da Marinha, da Aeronáutica e do Exército. Na Marinha, eu estive acompanhando as manobras da esquadra, em pleno mar, em companhia de toda a esquadra brasileira, muitas fragatas, muitos torpedeiros, submarinos e porta-aviões, assistindo a todas as manobras e verificando os avanços de alta tecnologia que nós encontramos ali, para profissionalizar os nossos homens do mar. Senti orgulho, como brasileiro e como presidente da República, do grau do desenvolvimento científico e tecnológico conquistado por técnicos da Marinha, pelos marinheiros, pelos oficiais, pelos almirantes e todos os que trabalham nesse setor.

Eu vi na Ilha de Mocanguê todo o processo que se está fazendo ali na formação de recursos humanos e de todo o nosso pessoal que hoje trabalha na nossa Marinha de Guerra. Eu pernoitei no porta-aviões Minas Gerais, de cuja ponte de comando assisti a uma emocionante parada naval, com a apresentação dos navios de guerra de nossa Armada. Podemos confiar na nossa Marinha, no patriotismo dos nossos marinheiros, no seu preparo para a nossa defesa e no alto grau de aperfeiçoamento dos seus engenheiros, dos seus especialistas, dos seus oficiais superiores e de seus praças.

“A transição democrática, no Brasil, foi feita com as Forças Armadas e não contra as Forças Armadas”

Com relação à Aeronáutica, gostaria de fazer um registro da incorporação do primeiro dos 79 aviões AMX, os nossos novos caças que estão sendo produzidos pela Embraer, uma empresa brasileira, com tecnologia mista do Brasil e da Itália, em São José dos Campos. O AMX é um avião muito moderno e incorpora im-

portantes avanços tecnológicos e eu faço justiça à nossa indústria aeronáutica. Para mim é uma alegria verificar os avanços que estão sendo feitos na profissionalização de nossas Forças Armadas.

Hoje eu estou falando aqui de Resende, no Estado do Rio de Janeiro, onde estou passando também um dia visitando as nossas instalações militares da Academia Militar das Agulhas Negras. O Exército, como todos sabem, é a maior de nossas forças e, sem dúvida, aquela na qual repousa uma maior responsabilidade na defesa da soberania nacional. E aqui no Aman o Exército começa a formação dos seus quadros, daqueles que na continuidade das gerações zelam pelas tradições e glórias do passado e do presente para assegurar os caminhos do futuro. Estou vendo aqui a qualidade do ensino, acompanhei as manobras militares na rotina da preparação dos oficiais. Vi o adestramento, a coragem dos moços, a dedicação dos comandantes, dos instrutores, dos professores e de todos que aqui trabalham de uma maneira árdua e fecunda. Eu vi o patriotismo, o espírito

“O Brasil tem uma vocação universal e essa vocação será cumprida com o Brasil se tornando um grande país”

de brasilidade, o idealismo da juventude do corpo de cadetes, dos futuros chefes e condutores do Exército de amanhã.

Portanto, nos podemos estar orgulhosos de nossas Forças Armadas, que têm, como eu tenho dito, apoiado a transição democrática, cumprindo o seu dever constitucional, que é o dever de sustentar as instituições, sustentar a ordem do nosso país. A base da ordem é a base do nosso progresso. O Brasil tem uma vocação universal e essa vocação será cumprida, com o Brasil se tornando um grande país — um grande país no setor econômico, no setor cultural e no setor político.

Para terminar, minhas últimas palavras são constituídas numa afirmação de sempre. Como todos sabem, nós atravessamos muitas dificuldades, mas nunca cedemos um milímetro no interesse nacional. Eu nunca permiti e jamais fiz qualquer concessão no sentido de entregar ou de recuar em qualquer coisa que dissesse respeito ao interesse nacional. Eu resisti a todas as pressões sem ajuda interna e sem ajuda externa. As paixões políticas foram mais fortes que a união que devia se estabelecer neste país para defender o Brasil e assegurar os nossos interesses na área internacional. É ninguém, contudo, apoiou o governo nos seus momentos mais difíceis. Eu caminhei solitário na política externa para colocar o País no seu rumo, como eu disse, de uma vocação universal. Mas todas as dificuldades, nós vencemos. E nesses tempos, tempos de eleição, tempos de paixão, eu devo dizer que o Brasil é o meu candidato. E ele nunca perdeu, nem perderá. Bom dia e muito obrigado.”